

A EVOLUÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO NOS ÚLTIMOS QUATRO ANOS EM LISBOA, SETÚBAL E SANTARÉM

Factos e consequências

O crescimento do emprego no país nos últimos quatro anos foi muito insuficiente (0,8%) e apenas à custa do aumento da precariedade (em mais 20%).

Na Região de Lisboa o emprego aumentou apenas 2,3% e exclusivamente devido ao crescimento da precariedade. O emprego na indústria transformadora diminuiu 13% (21 mil trabalhadores). Perderam-se quase 32 mil postos de trabalho entre os quadros superiores da administração pública e de empresa. Os trabalhadores não qualificados cresceram 3,2%.

A Região de Lisboa é aquela que tem o maior número de trabalhadores precários (276 milhares), ou seja, 24,5% dos assalariados, tendo aumentado 20% desde o final de 2004. Os contratos sem termo diminuíram 0,4% nesse período.

A taxa de desemprego da região é mais elevada que a média nacional, tanto a nível global (8,5%), como entre as mulheres (9,2%), tendo o desemprego crescido 7% face ao 4º trimestre de 2004.

Nos distritos de Lisboa, Setúbal e Santarém os desempregados registados eram mais de 132 milhares e representavam 28% do total nacional. O fim de trabalho não permanente é a primeira causa do desemprego na região (46%), seguindo-se os despedimentos (18%), que cresceram 62% no último ano.

Somente 64% dos desempregados destes três distritos tem prestações de desemprego, situação que se degradou desde o ano passado. Os valores médios do subsídio de desemprego por beneficiário são de 486 euros em Santarém, 551 em Setúbal e 611 em Lisboa. O subsídio social de desemprego não ultrapassa, em média, os 330 euros.

A dívida aos trabalhadores que perderam os postos de trabalho por encerramento de empresas é de 55 milhões de euros e abrange mais de 9 mil trabalhadores só no distrito de Lisboa.

O peso da região no PIB nacional tem-se mantido constante, em torno dos 40%, sendo esta região a que mais contribui para a riqueza criada no país. No entanto, analisando a riqueza criada por sectores, verifica-se uma quebra nos sectores primário e secundário, confirmando a tendência nacional de definhamento do sector produtivo.

Na região, só a Grande Lisboa tem um valor do PIB per capita acima da média nacional (25.070 euros/ano), sendo a média regional, de 20.144 euros/ano, fortemente influenciada por aquela sub-região. As restantes sub-regiões apresentam valores de riqueza produzida por habitante entre os 75% e os 88% da média nacional.

O valor médio produzido por trabalhador na região é 2.975 euros/mês, o que, comparado com o salário médio da região – 963 euros, dá uma aproximação do grau de exploração que os trabalhadores estão sujeitos. Estes dados traduzem a necessidade de uma aposta efectiva na região que rompa com o modelo de desenvolvimento baseado nos baixos salários que vem sendo prosseguido.

Tem havido uma progressiva desresponsabilização do Estado no que respeita ao investimento público. Os montantes previstos para 2009 no país estão 31% abaixo dos previstos para 2005 em termos nominais. As quebras nos distritos de Lisboa, Santarém e Lisboa são ainda mais acentuadas do que no conjunto do país (60,5%).

12% dos residentes na Região de Lisboa são pobres. A despesa em protecção social (26% em 2006) é mais baixa que a média da União Europeia a 27.

Os lucros dos grandes grupos económicos e financeiros são o espelho de quem tem vindo a beneficiar da política de direita. Só no ano de 2008, o lucro de 18 grupos económicos, equivale a 460 euros por português, numa intolerável apropriação de riqueza e ineficaz distribuição do rendimento.

54% da população empregada na região tem no máximo o 9º Ano de escolaridade. Apenas 5,1% dos adultos entre os 25 e os 64 anos participou na aprendizagem ao longo da vida. As Novas Oportunidades abrangeram apenas 27% dos adultos em cursos de educação e formação face ao previsto até final de 2007.

O abandono escolar precoce na região aumentou desde 2004 (26,9% nesse ano e 29,5% em 2008). Apenas 57% dos jovens da Região de Lisboa dos 20 aos 24 anos tinha o ensino secundário em 2008. Por outro lado, o grau de desperdício do investimento em educação é elevado e está a aumentar. A taxa de desemprego dos licenciados (6,7% no 4º trimestre de 2008), não é a mais elevada de todos os níveis de ensino, mas é ultrapassa a dos que não completaram qualquer grau de ensino (5,7%) e aumentou desde final de 2004 (era 5,8%).

As pensões de reforma pagas pela Segurança Social são muito baixas (menos de 387 euros/mês, em média, no país). O distrito de Santarém situa-se abaixo da média nacional. Lisboa e Setúbal estão acima da média nacional, mas mesmo assim os valores são muito baixos, não ultrapassando, em média, os 506 euros.

Estes são dados objectivos que demonstram que a situação social no nosso país e na região está em retrocesso em muitos domínios. Pela injustiça que a consubstancia e as desigualdades que promove, esta é uma política que não serve os interesses dos trabalhadores e do país. Hoje, mais do que nunca, é necessário promover uma ruptura com a política de direita.

Portugal precisa de uma outra política que respeite e valorize os direitos dos trabalhadores; promova uma mais justa repartição da riqueza e assuma a coesão social como prioridade; assegure um desenvolvimento mais equilibrado do país, combatendo as assimetrias regionais e a progressiva desertificação de vastas áreas do interior.

Mudar de rumo é urgente, necessário e possível.

8 de Abril de 2009